

# CONTO-SERENATA EM ÚLTIMA VÊNIA (com “Poesia sem fim” e Mar ao Fundo)

Annabela Rita



*In memoriam.*  
23/8/2024

*Com amor vivi e parti.*  
*Que assim permaneça nos vossos corações!*  
GR

*Poesia sem fim [:]*

*onde está a Graça[?]*  
AJB

Maria da Graça. Graça. Gracinha. Para muito poucos, Bia, diminutivo que o Marido transferiu da Mãe (cujo coração foi excedido pela alegria diante das fotos do seu casamento) para Ela.

Em sofrimento, pressentiu a partida e preparou-a.

Deixou de olhar espelhos e de se esforçar por mais uma frustrada e sisífica recuperação, buscando no fundo de si e de nós as recordações da felicidade de outrora, de um mundo que já não é o nosso, distanciado pela história.

Despediu-se dos Familiares e Amigos que a visitaram: no hospital, ainda, o Genro, Zito & Clo; na residência, a Filha, a Neta e o cão, Gisela e Aninhas, os Melos (Zé, Tineta, Teresinha), os Paulos (Dulce, Célia, João), as Teixeira Alves (Fatinha, Leonor, Niná e Daniela), os Nahak Borges (Antónios pai e filho, Ivónia, Henrique)... evitando fazê-lo com os que pensaria rever ainda (Salette e São, Natália), não o fazendo quando não conseguia (Ana Maria...), as circunstâncias impediram (Sónia e Celpi, Amigas/os...) ou quando pensava ainda recuperar (Alcides, Zezito), enviando saudades a todos.

Foram despedidas serenas, dizendo-se preparada para a viagem, embora, numa só ocasião, confessasse em tom comoventemente infantil, “...mas tenho medo.” A Neta, a última a estar com Ela, disse-lhe que não o tivesse, pois teria a recebê-la “o seu Príncipe, um cavaleiro de armadura branca e cavalo igualmente branco” rodeado dos Pais e Irmãos que a amavam e dela tinham saudades...

Na última tarde, a Filha cantou-lhe baixinho longamente a canção de embalar adaptada com que décadas antes adormecia a sua bebé (“A minha Menina é de ouro, é de ouro fino... a nossa Gracinha é muito amada... Cantem anjos dos céus...que eu não vou só, levo a nossa Gracinha no meu trenó...”): de mãos dadas, aconchegou-se, consolada, ninada...

A cada um, a lição adequada, colhida no mais íntimo do ouvinte, sempre aconselhando a confiança em si mesmos e a relativização dos problemas, pedindo que não A chorássemos nem nos enlutássemos pelo que é natural e simples lei da vida, antes cultivássemos a alegria e A

recordássemos como Ela foi e não como estava... e tantas belas e boas memórias tínhamos dessa comum existência feliz...

Assim fechou Ela mesma o ciclo de uma existência preenchida e afetuosa, com o selo da paz, da harmonia, da serenidade.

Depois, começou a recusar comer e beber, rodeada de carinho empenhado em contrariar essa recusa.

Adorava flores. Que Lhe encheram a casa e o coração nos 2 últimos aniversários na viragem da Sua última década (90 e 91) e A envolveram na despedida...

E foram as rosas, como a que o Marido lhe oferecia diariamente até lhe ir preparar a travessia, que anunciaram a partida. Na véspera, cinco rosas de Sta. Maria, três das quais em casa e duas à cabeceira, viçosas, perfumaram de esperança a última noite...[»»»] às 15h30m, a notícia da Sua partida foi acompanhada pelo súbito murchar de todas as rosas numa última vénia. O cão deitou-se, baixou a cabeça e fechou os olhos, sentindo-A passar...

Em Fátima, dias antes, a vela vergara ao ser colocada (Tineta), indiciando o fim... Nessa noite, as quatro velas que acendíamos em prece quotidiana apagaram-se sozinhas e em simultâneo, dispensando a nossa habitual intervenção. Fora-se serenamente, uma chama apagando as outras... e iluminando a “Poesia sem fim” (conto), de António José Borges<sup>1</sup> e inspirando a dedicatória da peregrinação a Santiago de José Eduardo Franco.

Às águas, como desejava, foi afectuosamente confiada, com o pedido de que a levassem até às que a tinham visto nascer: emabalada por aquele Índico em diálogo com o continente e a ilha, a ilha-lagarto, simbolizando a perenidade. Nascera nesse anfiteatro diante do oceano que os antigos tentaram imitar no Mediterrâneo em Taormina e afins ... venusianamente abençoada. Ao fundo, ouve-se “Torna a Surriento” num 78 rotações do “His Master’s Voice” de Mario Lanza, o “Time to say goodbye” de Andrea Bocelli...

E outra parte dela reunir-se-á ao seu Príncipe terreno, adornada de rosas brancas como noiva, renovando os votos de há 67 anos atrás.

Na imagem em que o coração e a rosa esfumam o retrato, lemos fragmentos camonianos e respondemos-lhes com emoção:

*Alma minha gentil, que te partiste*  
...  
*Repousa lá no Céu eternamente*  
...  
*Se lá no assento etéreo, onde subiste,*  
*Memória desta vida se consente,*  
*Não te esqueças...*

... de que estás nos nossos corações!

*Deixa ficar a flor.*  
David Mourão-Ferreira



*Ave Maria!*

*HALLELUJAH!*

---

<sup>1</sup> António José Borges. “Poesia sem fim” (conto), *As Artes entre as Letras* (nº 369-370) 11/Set./2024, p. 12.